

EDITORIAL

Este número da Revista Trabalho & Educação traz o Dossiê *Educação, trabalho e desenvolvimento: a problemática da integração curricular e a formação dos trabalhadores*, que versa sobre tema estruturante do pensamento pedagógico brasileiro, para o qual não há como pensar questões educacionais sem considerar os elementos materiais da formação humana.

Observamos que o conceito de trabalho operado no conjunto dos textos é aquele de trabalho em geral, observado em suas configurações históricas e lembrado por suas dimensões ontológicas. A aproximação da problemática de uma formação para aqueles que vivem do trabalho exigiu, entretanto, dos autores, discutir as especificidades dos interesses em jogo na educação regular, na formação profissional e na educação de adultos trabalhadores. E é por diversos caminhos que o Dossiê cumpre sua tarefa de atualizar o debate sobre as relações entre Trabalho e Educação. Primeiramente, mostra que essas relações são marcadas por complexidades sócio-econômicas e culturais, extrapolando tempos históricos e espaços geográficos delimitados. Um segundo aspecto observado no conjunto dos textos é aquele dos desafios teórico-práticos da integração curricular disputados no plano político pedagógico das ofertas educacionais destinadas àqueles que vivem do trabalho e seus filhos. E, finalmente, contribui para compreender que tais questões extrapolam o campo da educação, da formação profissional e se dirigem às questões mais vastas da formação humana na contemporaneidade. Vários dentre esses aspectos também perpassam a diversidade de textos da nossa chamada contínua.

Ousamos, mais uma vez, ao adotar o procedimento de, em sendo original uma contribuição estrangeira, editá-la na língua em que foi produzida e traduzi-la para o português de modo a permitir o acesso a um número maior de leitores. Assim, o artigo *Abaixo do mercado: redefinir a economia e revisitar o trabalho*, de François Vatin – publicado em formato espelho, ou seja, versão original/versão em português – traz uma excelente contribuição para introduzir um campo emergente nos estudos do trabalho na França: a sociologia econômica. Nesse texto, em especial, Vatin propõe a tese central de seus trabalhos: recolocar a noção de trabalho no centro da reflexão econômica. Para tanto, recupera o sentido primeiro da palavra economia, mostra como, historicamente, ela foi subsumida àquela de mercado e, a partir disso, como se dá seu esvaziamento da dinâmica social que lhe dá sentido, perdendo, paulatinamente, o espaço para a noção de gestão ao longo do século XX. As pesquisas setoriais de terreno podem, na perspectiva de Vatin, recuperar este vazio presente nas teorias econômicas, mostrando como o trabalho produz valores econômicos e abstratos, mas, sobretudo, reengendrar a economia das tramas sociais que a constituem, recuperando seu sentido primeiro, ao desvelá-la prenhe dos valores não monetários. Os artigos que se seguem podem então ofertar uma boa aproximação de terreno sobre dois setores distantes no tempo, histórica e geograficamente.

No artigo *La formación y las calificaciones laborales de los obreros automotrices argentinos entre 1952 y 1976*, Ianina Harari analisa a evolução das qualificações dos trabalhadores das indústrias automotivas argentinas no período indicado. Descrevendo as mudanças pelas quais foram passando os processos de trabalho no contexto abordado, a autora mostra as sutilezas do processo de desqualificação dos trabalhadores ao longo do tempo, sujeitos a um tipo de formação, cujos objetivos representam muito mais os interesses da indústria. Essa formação, adquirida em cursos técnicos – escassos, à época –, nos processos de trabalho e/ou no exercício de determinado ofício, não se mostrava suficiente para superar a diferença estabelecida entre aqueles trabalhadores que lidavam com a maquinaria e a grande maioria deles, sem qualificação o bastante para que fossem integrados de forma decente ao mercado de trabalho. Ao nos apresentar essa pesquisa, a autora oferece uma boa aproximação histórica acerca dos dilemas da experiência de trabalho e da formação profissional numa indústria automobilista emergente na América Latina.

No artigo *O retorno de experiência e o lugar dos espaços de discussão sobre o trabalho: uma construção possível e eficaz*, Raoni Rocha, François Daniellou e Vanina Mollo mostram os desafios políticos e epistemológicos de uma pesquisa realizada em uma empresa francesa de distribuição de eletricidade. O objetivo dos autores é desvelar, justamente, a produção de valores e saberes daqueles que trabalham, tendo em vista sua incorporação nos sistemas de gestão desta empresa, ampliando as margens de segurança, de melhoria da saúde dos trabalhadores, bem como no aumento da performance da organização. Os procedimentos adotados em determinadas empresas para a discussão da atividade real de trabalho levam em conta o *retorno de experiência*, que integra a criação de dispositivos coletivos de troca de experiência com base na atividade real dos trabalhadores e as questões deixadas em aberto problematizam o porquê de tais dispositivos, por vezes, fracassarem.

A escola e as políticas educacionais são palco de conflito de valores nos demais textos.

Afonso Soares Oliveira Sobrinho, Aline Gomes Vidal e Márcia Regina Saltini desvelam o quadro dramático de precarização do trabalho no contexto da rede pública de educação em São Paulo. No artigo *Políticas Públicas de Educação e precarização do trabalho em São Paulo: o abandono da profissão docente na Rede Pública Estadual*, os autores nos mostram como a responsabilização (*accountability*) pela eficácia e pela eficiência educacional, associada às condições precárias de exercício da profissão, estão levando educadores a abandonarem o magistério como opção de trabalho, com graves prejuízos sociais para todos.

Outro artigo, entretanto, abordando a atividade docente no microcontexto de uma aula de língua portuguesa ministrada para uma turma de 8ª série/9º ano, de uma escola privada, revela a ação de educadores empenhando-se na construção de eficácia/eficiência no processo ensino-aprendizagem. Em *O fazer do professor na rede de atividades do cotidiano escolar*, Hermínia Maria Martins Lima Silveira apresenta uma abordagem discursiva da atividade docente, permitindo entrever um trabalho docente “constituído de múltiplos saberes e materializado em atividades

didático-discursivas em que as ações que organizam esse fazer são moldadas, reguladas pela situação real de manifestação das atividades”, e isso se dá “num diálogo entre o social e o individual”. Seria essa uma forma de resistência no micro espaço de uma sala de aula, onde o sujeito que trabalha busca valorizar seu trabalho, reconhecendo nele um alto valor social, apesar da desvalorização político-econômica e social que a docência sofre em território brasileiro?

Por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas no contexto de uma greve dos professores da rede estadual de ensino de Alagoas, Jailton Lira revela, em *O decreto e a resistência: a força do neoliberalismo*, o descaso do poder público no cumprimento de acordos salariais. Ainda assim, em que pese a crise educacional e o isolamento de algumas práticas docentes significativas, os docentes, enquanto categoria, continuam buscando reconhecimento social e cultural para o trabalho que realizam. O autor constata que existe “uma visão unânime entre os entrevistados a respeito dos efeitos nocivos das políticas neoliberais para a educação, ainda que nem todos soubessem conceituar o que é o neoliberalismo”, ainda que sugerissem as conseqüências de uma política baseada nessa perspectiva e que apontam para “a terceirização, a diminuição dos investimentos sociais, o abandono por parte do governo das áreas da saúde, educação e segurança pública”. Deixa entrever ainda, que os professores entrevistados confirmam, diante da opção pelo neoliberalismo como orientação de políticas públicas, a questão salarial é discutida priorizando-se “a contenção de despesas com o pessoal”, muito mais do que a melhoria das condições de trabalho e a valorização do trabalho docente. Esta, por sua vez, juntamente com o reconhecimento profissional, “não são uma dádiva divina”, constituem conquista que são “resultado de muita união e combatividade dos trabalhadores contra os efeitos do capital”.

Maria José Ferreira Ruiz, n’*A escola estatal capitalista e a educação do trabalhador*, busca compreender os meandros que marcam a oferta educacional para trabalhadores, revisitando clássicos da economia política, como Adam Smith, bem como a literatura crítica da escola capitalista em Marx, Gramsci, Althusser, Enguita e Mészáros, entre outros. A autora indica elementos que nos fazem pensar acerca do modo como a escola estatal tem contribuído, historicamente, para preparar o trabalhador, não para a conquista de sua autonomia, mas para que se ajuste à forma de trabalho assalariado do sistema econômico, sem questioná-la, de fato. As problematizações da autora, entretanto, nos deixam perplexos quanto às saídas, uma vez que as propostas emancipatórias também são marcadas por dilemas para sua implementação, a considerar o contexto capitalista predominante na formação social em que vivemos. De todo modo, aponta elementos importantes a serem considerados e presentes nas propostas de uma escola progressista, cuja contribuição para a emancipação social dos sujeitos na sociedade de classes é bastante significativa.

Algumas das saídas para os problemas e dilemas apontados nesses artigos podem ser encontradas, conferindo-se a nossa seção RESENHAS, nas resistências cartografadas mundo afora por Antonino Infranca, no texto *Indignados*, publicado,

original e inicialmente, em italiano e espanhol, e que a Trabalho & Educação oferece aos(as) leitores(as) na sua versão em língua portuguesa. O autor desvela as ações de jovens espanhóis, israelenses, estadunidenses, egípcios, tunisianos e líbios, lutando contra toda forma de opressão e penúria sócio-cultural e econômica, tal como vários movimentos de trabalhadores que se rebelam, recusando negociar os direitos mínimos à vida que se tornaram totalmente incompatíveis com a reprodução do capital, do sistema político e econômico dominante. Recuperando as discussões contidas nos estudos de Enrique Dussel e lançando um olhar desafiador para os movimentos dos *indignados* em várias partes do mundo, alerta para o fato de que “falta uma unidade como base, excluída aquela dada pela indignação, que é no fundo uma sublevação, não ainda uma revolta programada pela situação na qual se vive”. Os jovens indignados, apesar de recusarem a sociedade de consumo e recolocarem questões ambientais no centro do debate, não chegam a projetar um modelo de desenvolvimento alternativo ao dominante.

Finalmente, nossa seção de RESUMOS apresenta três estudos recentes e que abordam o campo trabalho e educação de formas distintas.

N’O uso de si e o saber fazer com o sintoma no trabalho, Admardo Bonifácio Gomes Júnior aborda o problema da relação entre trabalho e saúde mental, partindo da noção ergológica de uso de si e da noção psicanalítica de sintoma, com vistas à investigação e à intervenção clínica. O autor busca uma aproximação das bases discursivas que sustentam e subsidiam as práticas, nos dispositivos analítico e ergológico, localizando suas interfaces e especificidades. Nas palavras do autor “trata-se de uma aposta no sujeito, na singularidade de seu uso do sintoma como forma de fazê-lo emergir ativamente sobre a força das determinações sociais que o sobrepujariam”.

Em seguida, André Ricardo Barbosa Duarte, trata do *Trabalho docente na rede municipal de educação básica de Contagem*. O autor parte da análise das categorias “vencimento básico” e “carreira”, associando-as às perspectivas, aos limites e aos problemas com relação ao financiamento e o orçamento destinado à oferta e à estruturação das políticas educacionais. Faz isso considerando o período entre 2000 e 2010, num esforço de problematização e compreensão da relação estabelecida entre o financiamento e o orçamento da educação, tendo em vista as opções políticas e econômicas adotadas.

Em *Educação, lazer e trabalho: relações estabelecidas no interior de escolas de educação profissional e tecnológica*, Ailton Vitor Guimarães mergulha no universo de experiências dos alunos e das alunas da educação profissional e tecnológica (EPT) de nível médio, no que diz respeito, particular e principalmente, às atividades e manifestações culturais relacionadas ao lazer que integram os processos educacionais próprios da formação ofertada nas escolas de EPT. Abordando o trabalho docente e o trabalho discente e considerando as perspectivas a partir das quais os sujeitos entendem o trabalho nessas escolas, o autor toma “a dialética materialista como princípio metodológico fundamental da pesquisa”, tendo na realidade investigada sua principal fonte de dados, “em suas construções, contradições e sínteses no

interior das escolas”, além de investigar “a produção acadêmica relacionada à problemática, no campo de pesquisa em trabalho e educação” e nos estudos do lazer no Brasil. “Dadas as condições das quais resulta o lazer que temos hoje na formação social capitalista em que vivemos”, o autor indica apontamentos “na direção de que os sujeitos ressignificam tempos e espaços de lazer em algo que parece não caber mais apenas sob essa denominação”.

Esta é uma edição da revista, na qual a diversidade de abordagens no campo trabalho e educação é renovada e confere vitalidade às possibilidades que são apontadas, não só em termos de pensar uma formação humana imersa numa realidade em transformação, mas sobretudo de incorporar, de fato, os elementos materiais e estruturantes que essa realidade em movimento oferece aos vários processos educacionais. E esse movimento, de pensar, projetar e empreender esforços na materialização dessas possibilidades não passa, simplesmente, pela ação de executar projetos sem o necessário crivo crítico, o que, no mínimo, implica na (re)elaboração constante das ações que se pretende empreender.

Boa leitura a todos(as).

Daisy Moreira Cunha¹
Ailton Vitor Guimarães²

¹ Pós-doutorado no CNAM-Paris; Doutorado em Filosofia pela Aix-Marseille Université. Professora Associada e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social/FaE/UFMG. E-mail: <daisy-cunha@uol.com.br>.

² Doutorado em Educação pela FaE/UFMG na Linha de Pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana. Professor do CEFET-MG. E-mail: <vitor@deii.cefetmg.br>.

